

## A jornada feminina do ódio ao corpo à autoaceitação na série

# Dietland

Por Maqui Nobrega



Essa semana assisti a um seriado importantíssimo chamado “Dietland”. Se você me segue nas redes sociais, já deve estar cansada de me ver indicando, mas é porque eu preciso que todas as mulheres assistam! “Dietland” conta a história da Plum (que em português significa ameixa, “porque sou suculenta e redonda”), uma mulher gorda que acha que a vida finalmente começará quando ela fizer uma cirurgia bariátrica e emagrecer. Plum (interpretada por Joy Nash) é um apelido e seu nome verdadeiro, Alicia, é como ela chama essa persona magra que ela quer alcançar. Como se fossem duas pessoas diferentes. Para piorar, Plum é jornalista freelancer e ghostwriter da diretora de redação da Daisy Chain, uma revista adolescente. Ela é a voz e personalidade de uma mulher magra e gordofóbica.

A série fala sobre a indústria da beleza, mulheres na mídia, feminismo, machismo e retrata a jornada da Plum do ódio ao corpo à autoaceitação. A jornada que muitas mulheres levam a vida inteira para percorrer, ela vive em alguns meses com um acelerador bem peculiar (já falei pra vocês assistirem!). Mas o que me fez ter vontade de escrever sobre esse assunto aqui, foi uma conversa que ela tem com seu melhor amigo no sétimo episódio da série. Plum percebe (não vou contar como) que mesmo as mulheres “perfeitas”, as que se encaixam em todos os padrões de beleza, são estupidadas, maltratadas, assediadas, espancadas. O raciocínio dela é de que a vida inteira, ela trabalhou para virar um a limento melhor para os predadores. Se ela fizer a cirurgia, emagrecer, usar a calça 36, ela só terá se transformado em uma presa mais atraente.

O padrão de beleza ocidental não é instintivo. As pessoas não acham uma mulher branca, magra, loira e de olhos azuis bonita “porque sim”. Ao longo de muuuuitos anos, nós fomos ensinadas a buscar esse padrão para sermos recompensadas. Tipo reforço positivo em cachorros, sabe? Se seu bicho faz xixi no lugar certo, ele ganha o biscoito. Se você é branca, você ganha mais dinheiro. Se você é magra, ganha a capa de revista. Se você é loira, ganha o emprego. Se você tem os olhos azuis, ganha elogios. Se é o combo completo, ganha a atenção dos homens.

Mas a gente quer MESMO a atenção dos homens? Outro dia postei no Instagram uma foto dizendo que quanto mais eu me afastar dos padrões de beleza que o homem em geral acha atraente, mais feliz eu fico. E eu gosto de homem, tá? Eu me relaciono com homens e sou atraente pra muitos deles, e sei que algum cara vai olhar minha foto aqui em cima da coluna e comentar que acha isso impossível (beijo, moço!). E isso só me deixa mais feliz ainda.

A mulher gorda, a mulher preta, a magra, a loira, todas sofrem para se encaixar. A Bruna Marquezine está “magra demais”, a Adele “deve estar doente”, a Rihanna “deu uma engordada”. Se você busca a aprovação do seu corpo nos outros, está jogando um jogo perdido. Não tem como ganhar, você nunca será suficiente, magra ou gorda. A Plum entendeu isso na série e eu quero muito que você entenda também. Vamos desromantizar ser bonita para os homens? Vamos desromantizar a própria beleza? Vamos falar sobre isso?

# Madam C.J. Walker

primeira mulher milionária self made negra dos EUA

**Ela criou produtos de cabelo especializados para mulheres negras e, em nova minissérie da Netflix, é interpretada pela vencedora do Oscar Octavia Spencer**

**E**m março estreou na Netflix a minissérie de quatro episódios sobre Madam C.J. Walker, primeira mulher negra que enriqueceu por conta própria nos Estados Unidos. Por causa das dificuldades que enfrentava com o próprio cabelo, Walker teve a ideia de criar produtos especializados para cabelos afro. Na série, ela será interpretada por Octavia Spencer, vencedora do Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante por seu papel em *Histórias Cruzadas*, de 2011. Conheça mais sobre a trajetória de Madam C.J. Walker:

Pais foram escravizados  
Ao nascer no dia 23 de dezembro de 1867, em uma plantação de algodão em Louisiana, Walker recebeu o nome de Sarah Breedlove. Foi a primeira dos cinco irmãos

a nascer livre: seus pais foram escravizados. Quando tinha apenas sete anos, ficou órfã, e foi morar com a irmã mais velha e o cunhado no Mississippi, onde trabalhou como empregada doméstica. Casamentos para fugir da opressão  
Aos 14 anos, para escapar do ambiente opressivo, casou-se com Moses McWilliams e em 1885, aos 18 anos, teve a primeira e única filha. McWilliams morreu dois anos depois, e Walker chegou a casar novamente, mas pouco tempo depois se separou. Mudou-se para o Missouri, onde trabalhava como lavadeira e ganhava US\$ 1,50 por dia. Lá, conheceu Charles Joseph Walker, um vendedor de anúncios de jornais, com quem se casou em 1906 e ficou conhecida como Madam C.J. Walker.



## Problemas no couro cabeludo

No Missouri, Walker começou a sofrer com caspa severa e outros problemas, inclusive queda de cabelo que a deixou careca, por causa de alergias a produtos dos sabonetes. Durante uma feira de produtos na cidade, ela conheceu Annie Malone, empresária negra do ramo de produtos de cabelo e dona da empresa Poro Company, e se tornou vendedora. Foi assim que começou a aprender mais sobre os cosméticos e a desenvolver sua própria linha.

## Legado

Na medida em que se tornou rica e popular, Walker participou cada vez mais da luta contra o racismo. Entre suas ações de filantropia estão doações para bolsas de estudos e moradia para idosos, além de apoio a instituições focadas em melhorar as vidas dos negros. Mesmo após sua morte, em 1919 aos 51 anos e com uma fortuna estimada em US\$ 8 milhões (valores corrigidos para a atualidade), ela continua a contribuir com diferentes causas — a mansão que construiu em Irvington, Nova

York, vai ser transformada em um local de apoio a iniciativas de mulheres negras que querem empreender. A empresa de cosméticos, por sua vez, encerrou as atividades em 1981, mas até hoje é lembrada e homenageada em novas linhas de produtos, como a Madam C.J. Walker Beauty Culture, da rede Sephora.

## Lançamento dos produtos

Mais ou menos na época em que se casou com Charles Joseph Walker, ela lançou seus primeiros cosméticos. O marido ajudou na parte de publicidade e promoção (partiu dele a ideia de que ela usasse o nome Madam C.J. Walker), e ela vendia tudo de porta em porta enquanto ensinava outras mulheres negras a cuidarem do próprio cabelo. Em 1910, ela transferiu as operações do negócio para Indianápolis, onde não só manufaturava os produtos, mas também treinava um verdadeiro exército de agentes de vendas: em 1917, no auge das atividades, teria treinado mais de 20 mil mulheres, que se tornaram bem conhecidas na comunidade negra dos EUA.





## A sutileza de Coisa Mais Linda ao abordar temas que continuam muito atuais

“Esse passado não passa.”

Assistir a série Coisa Mais Linda em 2020 é um experimento curioso. A produção nacional da Netflix chega em sua segunda temporada mostrando vários desafios das mulheres na década de 60, época em que precisam lidar com preconceitos, feminicídio e um constante sentimento de que precisam provar aos homens que são tão capazes quanto eles. Infelizmente, esses temas seguem mais atuais do que nunca.

Em entrevista ao Omelete para divulgar os novos episódios, Mel Lisboa, intérprete de Theresa, diz sobre como Coisa Mais Linda abre portas para reflexões importantes: “A série te coloca em situações que te levam a refletir a realidade

hoje. Diante das situações atuais de racismo e feminicídio, você passa a fazer esse paralelo e pensar na questão estrutural do racismo e machismo, por exemplo. Há outras, mas é um recorte. Além disso, pensamos também nas vitórias, que devem ser celebradas e precisamos lutar para manter essas vitórias”.

Uma das personagens que mais exemplifica a questão na segunda temporada é Malu. Após ver a morte de sua melhor amiga Lígia (Fernanda Vasconcelos), a protagonista fica em coma e precisa se reconectar com tudo o que conquistou. No fim das contas, como várias mulheres antes e depois dela, Malu parece cansada de lutar uma batalha que parece não



“Querendo ou não, isso já é um reconhecimento de que estamos caminhando, com muitas dificuldades, mas estamos. Somos quatro mulheres protagonistas de uma história, em uma plataforma que tem um alcance tão grande, em um momento como esse, é ainda mais importante”.

Já para Larissa Nunes, que ganha mais destaque no segundo ano como a jovem cantora Ivone, a sutileza da série ao trazer tais temas é algo também muito importante: “Acho que só faz sentido olharmos e retratarmos uma época porque ela cria um diálogo com o momento presente. A série traz isso com muita sutileza e esses temas são abordados com muito cuidado. Não são temas fáceis de abordar. Não é fácil abordar o feminicídio, principalmente sabendo que nesse período da quarentena, por exemplo, aumentou o número de casos de violência doméstica; entendo a questão racial como uma reação, porque o problema sempre esteve aqui entre nós. Esse passado não passa”.

Coluna

## Uma reflexão sobre a nova série Coisa mais Linda

Por Camila Leonelli



Motivos para assistir a série “Coisa Mais Linda” que estreou no dia 22 de março no Netflix não faltam. Eu encerrei a primeira temporada hoje. Maratonei, acho até por um gosto nostálgico que tenho de casa. Bom, a série brasileira se passa no final dos anos 50 com pano de fundo o início da bossa nova. Muito bem retratada por sinal, aquela boêmia carioca, a mistura do samba do morro com o erudito jazz, uma delícia, aliás para quem gosta do tema recomendo o livro “Chega de saudades”.

Para começar o nome da série para mim vem da famosa música do pai da Bossa Nova João Gilberto, e vou focar aqui nas personagens principais. Entender cada uma delas, a realidade do momento e de cada uma e como ainda os comportamentos tóxicos se repetem hoje, foram alguns dos motivos que me fizeram ficar colada na tela. Prometo dar o mínimo de spoiler possível sobre a trama que beira a um novelão, e foca em um grupo de quatro mulheres como a série espanhola as Telefonistas, mas com muito menos dramalhão. Ambas nos trazem reflexões pertinentes

cismo e o principal a discussão sobre o papel da mulher na sociedade, que se estende até hoje. Sororidade, palavra essa difundida entre as mulheres feministas que buscam a igualdade e, para mim, o pilar da série, mostra:

**e deixo aqui uma reflexão: Será que sabemos a potência das nossas asas?**

Bom, vou tentar resumir aqui um pouco da trama. A personagem mais moderna está na mão de Mel Lisboa (Theresa) intelectual e cunhada de Lígia (Fernanda Vasconcelos). Ela é a alavanca que impulsiona os ares da liberdade feminina. Afiada, crítica a hipocrisia da elite carioca e luta dentro da redação da Revista Angela para dar voz às mulheres reais. Interessante ver como funcionavam as redações.



# Resenha: O mito da Beleza

*Naomi Wolf*

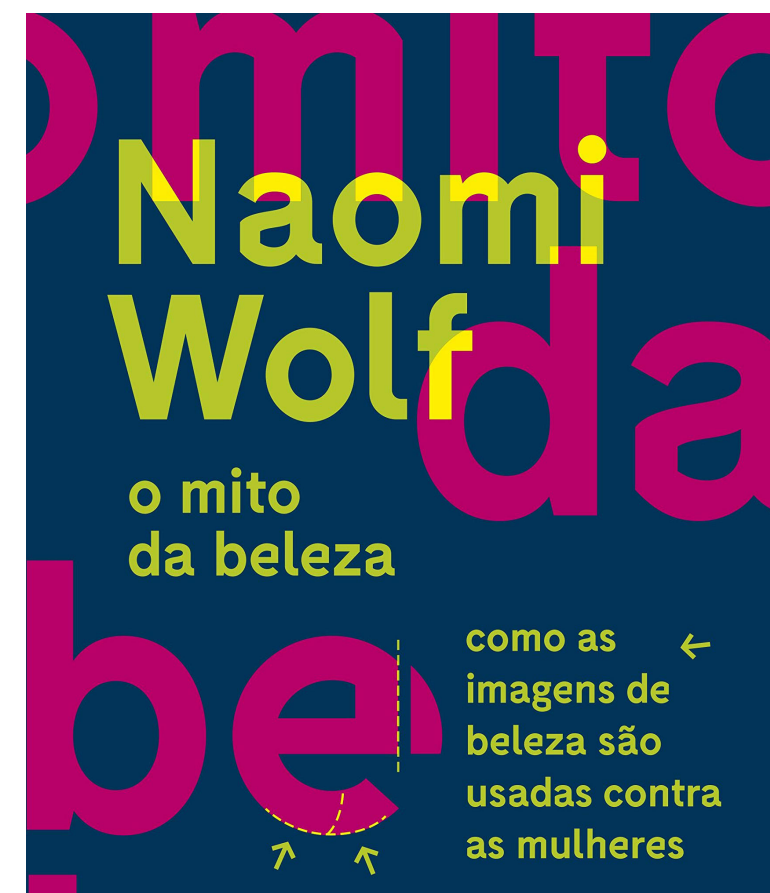
O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres foi o primeiro livro de Naomi Wolf, publicado em 1991 e relançado no Brasil em 2018. Wolf é uma escritora reconhecida por trabalhos sobre feminismo e democracia. A equipe do Más Feministas Podcast está realizando uma leitura compartilhada de O Mito da Beleza. Nesta primeira parte, comentaremos a Apresentação, a Introdução e o capítulo O mito da beleza.

O Mito da Beleza foi publicado pela primeira vez numa conjuntura em que as mulheres pareciam dispostas a revigorar a luta feminista, ecoando pautas plurais e a importância das interseções de raça, classe e gênero. Frequentemente identificamos esse momento como Terceira Onda Feminista. Vale lembrar que Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment, de Patricia Hill Collins, e Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, de Judith Butler, foram publicados um ano antes de O Mito da Beleza.

Ficamos impressionadas com a informação de que Wolf escreveu este livro tão denso com apenas vinte e seis anos de idade. Não nos surpreendemos, porém, com a reação hostil da mídia diante da jovem mulher que pretendia questionar pressões estéticas. Desse modo, também é possível dizer que Wolf produziu.

*“Todos os sistemas de trabalho que dependem coação uma mão de obra, forçando-a a aceitar condições ás e remuneração injusta, reconheceram a eficácia de manter essa mão de obra exausta para impedir que ela se rebele.”*

Trecho retirado do livro ‘Mito da Beleza’



# INSPIRE

Tudo sobre o novo sucesso da internet: Coisa mais Linda

+

Entrevista exclusiva com o elenco

Estreia de

## Becoming

Documentário da Netflix narra trajetória e vivências de Michelle Obama, passando por temas como: casamento e racismo



A1234567890A